

**Deponente:** Antônio Carlos Ramos Pereira

**Entrevistadores:** José Antônio Marçal, Ronald Rocha, Jurandir Persichini, Luiz Gonzaga e Josias de Matos.

**Data:** 23 de março de 2017.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Então bom dia.

**ANTÔNIO CARLOS:** Bom dia.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Esse depoimento será realizado em nome da Comissão da Verdade de Minas Gerais, COVEMG, através da subcomissão três, do grupo B, responsável pela elaboração do relatório sobre violações de Direitos Humanos a trabalhadores urbanos. A equipe da subcomissão três, tem a seguinte composição: como membro efetivo da COVEMG, o senhor Jurandir Persichini; como assessor dessa subcomissão, senhor Ronald Rocha; e bolsistas, e como bolsistas, Luiz Gonzaga, Josias de Matos, e eu, José Antônio Marçal. Hoje é dia 23, exatamente.

**ANTÔNIO CARLOS:** De março.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** 23 de março 2017, são 10, 8:50, né, da manhã, e nós estamos aqui no estúdio do curso de Comunicação da Universidade FUMEC para acompanhar e também fazer o registro do depoimento do Senhor Antônio Carlos Ramos Pereira. Estão participando aqui dessa sessão eu, José Antônio, e o assessor da subcomissão três, o Senhor Ronald Rocha. O objetivo desta audição é coletar informações sobre repressões, ou casos de repressão, repressões, praticada contra, praticadas contra o sindicato e trabalhadores, particularmente da categoria que o senhor compunha, né, no período do Regime Militar, compreendido aí entre 1964 e 1985. A dinâmica aqui do depoimento vai seguir três passos, basicamente: primeiro a palavra é dada ao Senhor Antônio Carlos Ramos Pereira pra falar, pra discorrer livremente, o tempo que for necessário, sem nenhuma interrupção; após, abrirem-se para algumas perguntas dos presentes, que serão respondidas intercaladamente, né? E, ao final, a palavra retorna ao Senhor Antônio Carlos para as considerações finais. Então, a partir desse momento a palavra...

**ANTÔNIO CARLOS:** A palavra é minha?

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** É, do senhor.

**ANTÔNIO CARLOS:** Vamos lá. Primeira coisa, Antônio Carlos é nome de cartório, né. Eu virei Carlão durante a vida. Não tem nada a ver com o depoimento, mas eu fui, em 1994, candidato a governador pelo PT em Minas Gerais, e à época diziam: “Carlão é nome de leão de chácara, não pode ser candidato a governador.”, mas por mais que se tentasse, o Antônio Carlos não pegou, então, é o Carlão que tá fazendo o depoimento. Tentando situar um pouquinho, porque eu não sou daqui, eu sou de Curitiba. Porque que eu estava aqui na primeira greve dos professores, né? Serei sucinto nisso. Eu havia passado por Minas no início dos anos 70. São questões biográficas, mas acho importante dar uma contextualizada. Eu estudava engenharia em São Paulo, saí do curso de engenharia em São Paulo em 1972, mudei pra Belo Horizonte, eu tinha 20 anos na época. Fiquei aqui um ano e meio, dois, depois eu fui pro Rio de Janeiro, eu fiz um curso de administração com bolsa dos Correios, na PUC do Rio. Formado, eu fui trabalhar em Brasília, na assessoria da presidência dos Correios. Nessa época, a partir do Rio de Janeiro já, eu era militante do que veio a ser depois a Convergência Socialista, hoje é o PSTU, com algumas variações. E foi já na condição de militante da convergência que eu fui para Brasília. Em julho de 78, julho, eu saí de férias. Primeiro ano de emprego, eu saí de férias. Durante as minhas férias, meu, nosso apartamento, eu era casado, foi invadido, pessoas foram presas, torturadas, daí eu não pude voltar pra Brasília, pro meu trabalho. Minha ex-companheira, mineira, família daqui, nós ficamos escondidos aqui, em uma cidadezinha próxima, Azurita, que é um distrito de Mateus Leme, não sei se emancipou, não. Isso no final do segundo semestre de 78. Então a volta pra Minas se deu muito em função da perseguição em Brasília, com um dado adicional: nesse período, Lúcia engravidou do nosso primeiro filho, Camilo, então a preocupação com segurança crescia. Pois bem, nós estávamos vivendo um período de disputa de anistia, o meu primeiro contato político, digamos assim, institucional, foi procurar o comitê de anistia em Belo Horizonte, comitê feminino, Dona Helena Grecco, Betinho etc., pra ter um certo amparo. E eu fiquei um pouco que encarregado de abrir uma sucursal da Convergência em Belo Horizonte. Isso é um capítulo à parte, não vou me estender nele, mas eu atuava já como retomei uma certa atuação na organização que eu militava à época. Acontece que nesse mesmo período, nós tínhamos uma ascensão forte de lutas sociais e particularmente luta sindical no Brasil, né, vou repetir o que todo mundo já sabe, mas São Bernardo... E na questão específica dos professores, de trabalhadores de educação, em dois estados: Rio de Janeiro e

Paraná, no meu estado de origem, que começaram a vivenciar greves muito fortes, muito poderosas. A lógica aqui em Belo Horizonte, depois no estado, foi um pouquinho diferente, pessoas de origens diferentes, matizes diferentes, no primeiro momento, nos organizamos entorno de uma oposição vaga, difusa, pelo menos na minha opinião, vaga, difusa, obviamente outros terão outra opinião, pro sindicato da rede privada, dos professores da rede particular, né. Então vários de nós nos encontramos nesse processo. Só que, como o processo histórico forte, que contava, começava a acontecer efetivamente na rede pública de forma atabalhoada, impulsiva, voluntarista, juvenil etc., “Por que não convocar a rede estadual?”. Haviam militantes de outros grupos, né, do antigo MEP, do antigo Trabalho, Liberdade e Luta, né, nós da Convergência, eram todas organizações muito pequenas, muito diminutas, e várias outras, mas esses aí me fixaram, mas talvez pelas relações pessoais que se estabeleceram, né, nesse processo. E, do nada, esse grupo de pessoas, não apenas essas, mas resolveram chamar uma assembleia de professores da rede pública, e apareceram alguns. Eu não vou me ater nos passos todos aqui, mas alguns emblemas, pelo menos na minha cabeça, permanecem vivos: uma primeira assembleia mais forte, houve reuniões anteriores, aconteceu na sede do sindicato dos bancários de Belo Horizonte, na rua Tamoios, onde foi definida uma pauta de reivindicações. As pessoas que estavam um pouco à frente disso, e eu era um deles, mas eu me lembro do Júlio Pires, do trabalho, eu não era professor da rede estadual, Júlio Pires era professor da universidade, aliás, teve um jornal na época, que não existe mais, Pasquim, Diário de Minas, alguma coisa, Jornal de Minas, assim: “As bruxas existem”, eram os infiltrados, né, em movimento dos professores. Ao lado disso, eu vou ter muito parênteses aqui, cês me perdoem, né. Em Belo Horizonte aconteceram outros processos, né. Na própria Prefeitura de Belo Horizonte teve uma paralização, não vou guardar que estação que foi, além dos professores, né, bancários vivenciaram uma greve aqui nessa cidade, teve construção civil, um episódio marcante. Eu me perco nos calendários, mas houve um primeiro momento, um primeiro momento, de tentando buscar o foco, né? Onde um grupo de pessoas foram presas em Belo Horizonte, no DOPS, né. No meu caso, especificamente, a pessoa que me deu voz de prisão tinha estado numa reunião da Convergência, mas que era pública, na antiga FAFICH, né, na condição de estudante, era o mesmo policial que me deu voz de prisão, e foi quase, que eu diria, um arrastão de pessoas que estavam ligadas ao movimento com maior e menor intensidade. Vou lembrar aqui quem foi

pego àquela época, além de mim. O Júlio Pires foi preso. O Inácio Ernandes, metalúrgico, padre, ex-padre metalúrgico, foi preso. Guiba, Guiba, o apelido é alguma coisa parecida com isso, bancário, foi preso. Teve uma outra moça, que era da Prefeitura, que eu não vou lembrar o nome, mas era militante do Trabalho, da Liberdade e Luta, que foi presa. Umas oito pessoas, dez pessoas, foram presas no DOPS nisso aí, num arrastão mesmo, sabe, intimidatório, né. O fato é que isso não foi capaz de evitar o processo de ascensão que tinha porque também não é a função aqui não é abrir grande análise sociológica, mas o movimento de professores foi acontecendo, né. Então houve a greve de 79, que foi uma greve muito forte, surpreendeu a todos, sem exceção. Surpreendeu o governo, surpreendeu as lideranças que não tinham, boa parte delas não tinha vivência com a categoria, permitiu, aí sim, que surgissem pessoas que tinham vínculo efetivo do chamado “comando de greve” à época, com um pouco mais de expressão pública. A única pessoa que tinha vínculo, era o Luiz Dulci, mas o vínculo dele devia ter seis meses. A larga experiência na rede pública do Luiz é um semestre, ou um pouco mais do que isso. Então nós tivemos um episódio em 79, greve, o movimento, quer dizer, o episódio de repressão forte foi essa prisão, ou foram essas prisões. Eu, pessoalmente, quer dizer, como eu tinha dupla condição, eu tava militando no sindicato, mas era militante em uma organização clandestina, né... Eu morava no bairro Cidade Nova, um belo dia eu chego e minha porta tinha sido violada. Nada foi tirado da minha casa, absolutamente nada (trecho incompreensível). Telefonemas, havia intimidações, né, algumas mais assustadoras: eu estava com minha mulher, à época, ela era da área da saúde, nós estávamos em um bar ali na frente da escola de medicina, para um carro, acende um rojão, e joga, não em cima, mas é um susto, acende e dispara ao lado. Coisas dessa natureza. Pois bem, vou dar um pulinho rápido, chegamos no ano de 1980. Embalado com o sucesso da greve de 79, sucesso político, sucesso social, sucesso existencial, aquilo transformou vida de pessoas, né, que num belo dia se descobre na rua outras pessoas, com centenas e dezenas de alguns casos em alguns momentos desse processo, milhares de pessoas que enfrentam polícia, né? A ironia é que depois que a greve acaba não consegue enfrentar as direções das escolas, mas na época, enfrentava polícia, enfrentava os maridos, uma categoria eminentemente feminina, né? Mas assim, foi um processo muito, ele é muito rico nessa dimensão. Mas fomos pra 1980 achando que bastava repetir a dose, né? Em 80, o governo já tinha aprendido um pouquinho, né, e nós não tinha, talvez não tivéssemos aprendido

tanto assim. Fato é que nós, dez singelos sindicatos, incipiente, mas já estruturado, formalizado, havia sido criado a União de Trabalhadores do ensino de Minas, né, foi convocado uma segunda greve. Daí o esquema da repressão funcionou, funcionou direito: foram exonerados diretores de escola, isso foi um pouco concentrado, não foi uma coisa generalizada pelo estado, mas em algumas, à época chamava-se delegacias de ensino, hoje superintendências, a ação foi mais forte, mais dirigida, então escola que tinha paralização, onde tinha alguma, alguma possibilidade que o diretor tivesse estimulando ou participando, diretor exonerado. Exoneração de professores designados, convocados, que era o nome à época, né, e mais uma leva de prisões, né. Aí eu, nós fizemos uma assembleia no pátio da Assembleia Legislativa, ao final desta assembleia eu fui preso. Depois vieram Luiz Dulci, Fernando Cabral, Isis Magalhães, eu tenho dúvida se o falecido Fernando, Luiz Fernando Castellano foi preso nessa época também, né. Mas eu, Dulci, Cabral e Isis, com certeza. A greve foi dura e foi derrotada, né. A greve foi dura e foi derrotada. Tem um episódio engraçado, porque nós, os presos, resolvemos fazer greve de fome pra que o governo abrisse negociações, e uma dirigente do sindicato à época, Márcia Mara de Araújo Abreu, numa entrevista muito ouvida na rádio Itatiaia, disse assim: “Nossos companheiros ficarão em greve de fome até o atendimento de todas as reivindicações.”, consideramo-nos todos mortos, né? O governo, depois de oito ou dez dias de greve de fome, não me lembro ao certo, mas foi longa, abriu negociação, nós encerramos a greve de fome e, obviamente, na sequência a negociação foi encerrada, né. O saldo de 80 foi pesado, né, nas demissões, da dificuldade de emprego, eu mesmo fui dar aula na rede privada, não tinha, o estado não me aceitava mais. Eu concentraria nesses dois grandes momentos, certo? 79, eu tô olhando só para Belo Horizonte, lembrando disso, né. Uma ação mais, não é que ela foi descoordenada, que não era especificamente voltada para movimento de professores, incluía também movimento de professores, certo? Mas diante do espocar de greve, de mobilizações, e já no ano de 1980 uma ação dirigida especificamente contra magistério, trabalhadores da educação e o seu sindicato. Eu não, eu não diria que daí pra frente, por mais que houvesse ações localizadas, pontuais, de direção de delegados de ensino, que havia uma ofensiva do Estado no sentido de agir muito agressivamente. Tanto é assim que, daí eu tô falando no meu caso especificamente, em 81 eu voltei a dar aula normalmente, né. Durou o que durou, ano de 1980, né. Talvez o próprio desgaste do governo na época, numa esfera mais ampla, o fato de a gente ter aprovado, o

congresso ter aprovado a lei da anistia, né. Eu estava, eu lembro que eu tava depondo no DOPS, eu tava preso no DOPS quando foi votada a anistia. Eu tava preso e eu tava respondendo sobre o inquérito de Brasília ainda. Votou anistia. Então o clima passou a ser outro, né. Então quando se pega esse período que é objeto de estudo, né, eu diria que com o andar dos anos 80, com o clima, da própria sociedade, que foi mudando, do território da Ditadura se aproximando, então isso fez com que, muito concretamente, eu pelo menos acho difícil de falar em repressões no caso do âmbito do movimento dos professores, porque algumas coisas da disputa, dirigentes mais duros, menos duros, mais ou menos concessão, mas não, eu, na minha opinião pessoal, isso não tem nada de dramático, isso é do jogo, certo? E antes disso não posso falar, porque eu não estava aqui, então acho que, por isso que eu falei antes com vocês que a minha fala seria um pouco limitada nesse aspecto, entende? Também antes disso creio que também não haveria muito o que falar em movimento dos professores, né, porque ele explode em 79, e foi explosão, né? Foi explosão mesmo, não tinha, era uma, era um desejo, era muito mais uma necessidade de vocalizar onde a questão salarial era secundária, comentei a pouco sobre a assembleia que definiu, os doutos diligentes, que éramos nós organizados, tinha uma pauta bonitinha, organizada, tinha economista, natura fez conta, inflação, parará. Daí alguém na assembleia levanta o dedo: “Mas que é isso? Rio de Janeiro tá pedindo oito e uns quebrado, ou uns seis e uns quebrado, então a gente quer seis e uns quebrado e que seja isso, pronto!”, é a política que dava a dinâmica, não é, não tinha... Política nesse sentido de “quero participar, quero ser ouvido”, né, eu acho que esse é o lado mais interessante a ser visto. Em resumo é isso, gente, sinceramente. Agora tô aberto pra vocês perguntarem.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Então pra gente passar a palavra pro, pra Ronald Rocha.

**RONALD ROCHA:** Carlão, bom dia.

**ANTÔNIO CARLOS:** Bom dia.

**RONALD ROCHA:** Essa prisão de 8 a 10 pessoas...

**ANTÔNIO CARLOS:** A do Inácio, a que o Inácio tava junto?

**RONALD ROCHA:** Isso, a que você se referiu, foi antes da greve de 79?

**ANTÔNIO CARLOS:** Ela foi antes da greve ou foi durante a greve. Não, durante a greve com certeza que não, eu creio que ela foi antes da greve, nós estávamos na fase de organizar a greve.

**RONALD ROCHA:** Seria em 78?



**ANTÔNIO CARLOS:** Finalzinho de 78.

**RONALD ROCHA:** Final de 78.

**ANTÔNIO CARLOS:** É porque quando eu vim pra cá, usando a expressão da época, meu apartamento caiu em julho, agosto. Viemos pra cá. Lá pra setembro eu comecei a botar as manguinhas de fora, ia num evento aqui, noutro acolá, papapa, com cautela. As reuniões que tentavam discutir ao mesmo tempo como transitar, ao mesmo tempo como transitar numa oposição incipiente, ainda num sindicato da rede dos professores da rede privada, pruma ação que tentasse mobilizar a rede pública, precederam, precederam a greve de 79. Eu, Ronald, eu não vou saber o evento. Quando eu fui preso, nessa primeira leva, eu estava saindo de uma manifestação na igreja São José. Se essa manifestação era de professores ou se era da anistia, eu tendo mais a crer que era alguma coisa ligada à anistia, constituinte, ou coisa que o valha da época, né? Eu não esqueço, eu saí, eu peguei meu carro, quando eu entrei, a Lúcia tava comigo, então pouco provável que fosse exclusivamente de professores, né, eu digo: “Tem alguém atrás da gente.”, né. Foi andar três, quatro quarteirões, fecharam e pronto. Então, quase que com certeza precedeu a greve de 79.

**RONALD ROCHA:** E essa violação à sua residência? Teria sido depois da greve ou antes?

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu acho que foi antes também, acho que foi antes também, foi antes também, foi isso.

**RONALD ROCHA:** Nós podemos falar em final de 78?

**ANTÔNIO CARLOS:** Isso, início de 79, que a greve de 79, essa data não tem jeito de esquecer, foi abril, né, pela greve em si, e porque meu filho primeiro também nasceu, é de abril de 79, meu filho nasceu com a greve, e foi nesse período.

**RONALD ROCHA:** Bom, se você se sentir desconfortável, não há nenhum problema. Mas você se lembra do nome desse policial estudante?

**ANTÔNIO CARLOS:** Não, não, não.

**RONALD ROCHA:** Você se lembra...

**ANTÔNIO CARLOS:** Ele era jovem, mulato...

**RONALD ROCHA:** Do aspecto físico dele?

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim, sim, sim, porque eu identifiquei ele na hora que tinha estado. No dia que ele teve na reunião, todo mundo ficou um pouco esquisito, ele estava com outro, ele não foi sozinho, né. Mas, bem, achar esquisito também, vamos e venhamos, era uma norma na época, que todo mundo desconfiava de tudo mundo,

ok? Os tempos eram bicudos. Mas, à época, identificá-lo foi fácil. Ele parou meu carro, com revólver na mão: “Desce! Desce! Desce!”, você, né.

**RONALD ROCHA:** Armado?

**ANTÔNIO CARLOS:** Armado, armado.

**RONALD ROCHA:** Revólver na mão já?

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim, sim, sim.

**RONALD ROCHA:** E essa pessoa tinha estatura mediana? Mais alto? Mais baixo?

**ANTÔNIO CARLOS:** Ele era mais baixo que eu, magro...

**RONALD ROCHA:** E jovem?

**ANTÔNIO CARLOS:** Falei mulato, jovem, negro, negro.

**RONALD ROCHA:** Vinte e poucos anos?

**ANTÔNIO CARLOS:** É, 30 no máximo.

**RONALD ROCHA:** Uhum. E você se lembra de nomes de agentes que participaram desses eventos repressivos voltados contra a sua pessoa?

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu lembro de um nome...

**RONALD ROCHA:** Inclusive procedimento de carceragem, de interrogatório...

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu fui interrogado por um delegado, ele tinha acabado de vir, há pouco tempo vindo do interior pra Belo Horizonte, mas foi de uma educação a toda prova. Francisco que era o nome dele. Depois ele até galgou posse na polícia etc., né. Foi sem nenhum constrangimento. A mesma coisa pros carcereiros. A única coisa que nós tivemos, daí sinceramente eu não incluo na coisa da repressão, de novo é do jogo: no meio da greve de fome, havia na carceragem, embaixo do prédio do DOPS, uma pequena cozinha, que eles utilizavam normalmente. Eles fizeram uma moqueca, pra ter o cheiro da moqueca pra nos provocar. Mas aí, com franqueza, seria excesso de vitimização. Nós fizemos a escolha, eu acho discutível, olhando à distância, né, pra dizer o mínimo, de fazer greve de fome. Mas não teve, nós não tivemos nenhum problema. Agora, insisto: o momento era o momento da abertura, né. Nós estávamos, pegando por exemplo o episódio da greve de fome: o Célio de Castro, ex-prefeito, deputado, companheiro lá, era o nosso médico. O Célio nos visitava diariamente, e a saída militante que era, mais do que o boletim médico, o Célio soltava uma nota política, cê entende? Porque o clima permitia, a situação do país permitia isso, né, porque se a gente não contextualiza, pra quem vai vir depois, parece que a coisa era leve. Não, foi pesada, nós já pegamos o período mais tranquilo.

**RONALD ROCHA:** E esses, essas prisões e interrogatórios geraram fichamento?



**ANTÔNIO CARLOS:** Cê sabe que eu acho que não? Eu acho que a anistia meio que deu uma borrada nisso. Eu tive, fui ter problema, mas aí não teve nada a ver com isso, um belo dia eu fui tirar um requerimento, isso coisa muito mais recente, e travaram tudo, é porque alguém esqueceu de apagar no meu processo em alguma delegacia, apareceu. Mas, assim, a mão de obra de ir no cartório, não sei o que lá, liberou, não tenho, tanto que eu sou ficha limpa.

**RONALD ROCHA:** E esses, essas prisões geraram algum processo pra alguns dos dirigentes da entidade, do Sind-UTE?

**ANTÔNIO CARLOS:** Pra mim, não. Não lembro se pros outros... acredito que não, acredito que não, acredito que não. Porque o primeiro, na verdade, se fosse gerar algum processo, seria contra a autoridade policial, né, porque na verdade não tinha, né? O segundo foi muito concentrado na greve, foi um mecanismo de intimidação da greve, também não tinha uma acusação formal, tanto que o que quando, nós, o que eu respondi na prisão, lembro, insisto, não tinha a ver com o objeto da prisão, tinha a ver com meu processo de Brasília, entende?

**RONALD ROCHA:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** Aquilo era uma forma de, claramente, pera aí, do Estado autoritário e arbitrário intimidar. “Eu demito professores, eu exonero diretores e eu prendo lideranças. Então se vocês continuarem, essa é a relação”. É isso, postura autoritária de governo autoritário.

**RONALD ROCHA:** Uhum. Você teria condições, assim, de lembrar quantas greves foram realizadas pelos trabalhadores de ensino entre 79, portanto, a primeira, né...

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim.

**RONALD ROCHA:** Paralisação, até 88?

**ANTÔNIO CARLOS:** Vamos lá, 79 uma, ótimo, vitoriosa, na política principalmente; 80, derrotada; 81 não foi, não houve greve, natural, né? 82, se não me...

**ANTÔNIO CARLOS:** Falha a memória, já foi o governo Tancredo. Nós fizemos uma greve contra o Tancredo, sim. Houve uma greve. O mandato do Tancredo foi 82-86? Deve ter sido isso. Nós tivemos uma ou duas, no máximo, com Tancredo. E depois foi greve contra o Newton Cardoso, já mais, mais na frente. Eu não vou saber quantificar isso de jeito nenhum, de jeito nenhum. Mas aí começou um processo, que é infelizmente uma lógica ruim do movimento dos professores da rede pública, que os alunos ficou sem aula, você finge que faz reposição, né, o Estado finge que te paga, e daí... As greves começaram a ficar, tirando o grande embate de 80, né, com custo

relativamente baixo, então com o tempo elas quase que se, opinião, banalizaram. Mas isso é mais recente. Na época ainda tinha alguma atenção.

**RONALD ROCHA:** Você, como dirigente sindical, e também como militante político, né, de uma organização de esquerda, certamente deve ter acompanhado, deve ter, enfim, deve ter acompanhado os demais movimentos que eclodiram naquele período, outras greves, outras paralizações de outras categorias, né, inclusive se não me falha a memória, teve a greve da construção civil, né.

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim.

**RONALD ROCHA:** Não sei se isso em 78 ou 79?

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu acho que foi mais pra 79.

**RONALD ROCHA:** Enfim, esses movimentos, você lembra mais ou menos quais foram os mais importantes? Que categorias se mobilizaram, além dos trabalhadores de ensino? E em alguns casos até com episódios repressivos mais dramáticos, mais graves, no caso da construção civil houve até uma morte, né.

**ANTÔNIO CARLOS:** Teve.

**RONALD ROCHA:** Você poderia relatar (trecho incompreensível) sua memória consiga puxar sobre isso?

**ANTÔNIO CARLOS:** O problema é que não tem, mas isso tem registro, eu não preciso me preocupar, sei disso. Nós não tivemos apenas professores do estado, né, professores da Prefeitura de Belo Horizonte também paralisaram. Em alguns outros municípios houve isso também. A dificuldade, ou não dificuldade, a diferença que o salário do professor da rede municipal era mais elevado, então se num primeiro momento há uma adesão, que eu diria que tem uma dimensão mais política do que econômica, certo? Nos anos 80, já com a repressão do Estado, a situação da prefeitura, se eu já ganho mais, com uma repressão dessa, por que entrar? Então é só pra representar. Nós tivemos uma greve de bancários, foi inclusive no ano que eu conheci o Lula. Ele esteve aqui... A greve de bancários, ela foi próxima da construção civil. A construção civil foi, teve um, não foi, a greve da construção civil foi uma explosão, né, ela, na verdade, num ambiente nacional de início de retomada, vou falar de retomada, de algo que não teve, talvez a palavra não seja a melhor, né? Mas de ocupação do cenário político por trabalhadores, a construção civil vai, pela própria condição de trabalho dos operários da construção civil, né, da condição de falta de segurança, do salário ruim, etc., etc., aquilo um pouco que explode, não havia organização sindical no sentido clássico, então foi uma explosão, né. A passeata dos

operários na cidade, quer dizer, se de um, se pra greve de professores que faziam passeatas, né, o olhar da população era “Viva, parabéns, que bonito!”, o olhar da população de uma parte em relação a construção civil foi de medo, né, de receio, porque o preconceito se traduz também nessa dimensão, né. Houve um evento que ficou marcado no antigo campo do Cruzeiro, do Atlético, né, onde hoje é um shopping, né, onde, em algum momento a coisa saiu do controle, né. Daí voou pedra e tijolo para todo lado. Teve um personagem interessante nessa história, que já morreu também, o professor Tarcísio Ferreira, né, que ele, qual Cristo na cruz, tijolo voando para todo lado, essa eu não ouvi, eu estava lá com ele, só que eu não estava com ele, né? “Por favor, vamos parar!”, e tijolo passando, né? Mas houve embate com a polícia, né. Houve embate com a polícia com o movimento dos professores, mas a situação era completamente diferente, completamente diferente. Houve uma tenta... houve algumas greves, vai e volta, de rodoviários, né. Se eu não tô equivocado, a organização que era hegemônica, controlava os sindicatos rodoviários, era a mesma da construção civil, né. A rodoviária é simples, você para o ônibus, cê para tudo, na construção civil a coisa é um pouco mais diferente. Mas teve paralização de rodoviários também naquela época. E a dos bancários, né. São as que eu me lembro. Tinha muita coisa de setor público, né. Tem uma foto que eu deveria tê-la buscado, nunca saí atrás, da minha filha, a Júlia, neném ainda, que o finado Diário da Tarde deu, enorme assim, a foto pegava as botas dos policiais e um nenezinho, uma criancinha, na altura da bota. Era a minha filha, né. Era a greve da saúde, né, setor público. Então cê tinha muito setor público, né. O setor público se organizou muito naquele movimento, imprimiu-se coordenação sindical que tá aí até hoje, tentando agregar diferentes coisas, mas, assim, de impacto social mesmo, acho que são construção civil principalmente; alguma coisa dos bancários, pelo que interfere na economia, na lógica da economia; e rodoviários, menos um pouco.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Uhum. O senhor começou a fala do senhor, o início da fala dizendo que veio de Brasília...

**ANTÔNIO CARLOS:** Uhum.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Numa situação já de, de envolvimento...

**ANTÔNIO CARLOS:** Fugindo da polícia, literalmente. Isso.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** É. Então, o senhor consegue falar um pouco mais desse ambiente anterior à chegada do senhor a Belo Horizonte ou à região metropolitana? Esse período que o senhor estava em Brasília, como é que o senhor, o senhor analisa

o cenário e o embate mesmo entre as forças de esquerda e o governo militar, o Regime Militar?

**ANTÔNIO CARLOS:** Vamo lá, Marçal. Eu, antes de Brasília, eu falei, eu estava no Rio, eu estudei no Rio, né. Era um período muito rico, né? Havia repressão? Havia repressão, né. Mas ao mesmo tempo, a ascensão de luta social, ela nos dava uma, talvez ilusória, talvez nem tanto, mas nos dava uma convicção de que era possível avançar e de que era possível derrubar a Ditadura, né, com recuos, né. Eu, na época que eu estava no Rio, eu comecei meu curso na PUC era de administração, comecei a fazer economia na Universidade Federal Fluminense.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Em que ano foi isso?

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu fiquei lá 73, 74, não, tenho que voltar atrás. 77, 76, 75, 74, pronto. Então, paralização na UFF, repressão, polícia naquele centrinho de Niterói perto das barcas, bomba de gás lacrimogêneo pra todo lado, gente que não tem absolutamente nada a ver com a coisa apanha e leva, etc., isso é real, né. Quando, no ato, na PUC, isso já na PUC Rio, na Gávea, de criação do Comitê de Anistia, né. Era helicóptero sobrevoando, a intimidação forte, né. Luta pela tentativa de retomada do movimento estudantil, UNE. A prisão aqui em Belo Horizonte, eu estava no Rio, mas eu vim pra cá, né, minha mulher foi presa, certo? Outro evento em São Paulo, também no congresso da SBPC, tentativa de retomada, invasão da PUC de São Paulo, bomba de gás, pancadaria, quer dizer, a repressão tava absolutamente viva e forte, né? No caso específico de Brasília, quando eu fui pra lá eu era um militante isolado da Convergência. Ocorre que havia um outro grupo de orientações trotskistas, que estava em proce... que tavam em crise de identidade, que eles eram, era um grupo forte, organizado dentro da Universidade de Brasília, da UNB né. Esse grupo praticamente veio todo pra convergência. Então, do nada, a convergência passou a ser uma ação forte, né, no movimento estudantil e algumas coisas meio, desenvolvimento de periferia, que você não pode falar de Brasília, mas uma, uma coisa de alguns partidos de esquerda, só que você pode pegar o sujeito da universidade, jogar lá, que ele vai virar liderança operária. Mas eu, a minha ação era um pouco limitada, porque eu trabalhava, certo? Numa organização pública, um cargo público, voltei, continuei no curso de economia na UNB um pouquinho ainda, então quem tocava mais a lojinha, digamos assim, era a minha mulher, a Lúcia, né, na coisa mais específica da Convergência. Eu era dirigente, mas de fora, né? Ontem mesmo, coincidências, recebi um e-mail de uma moça de Recife que disse: “Ó, quem passou seu e-mail pra mim foi

a Tereza Cruvinel.”, Tereza foi companheira nossa lá, nós fugimos juntos de Brasília, não voltamos juntos, né, na época da Convergência lá, “Porque você foi representante do Jornal Versos em Brasília, na data. O nome seu tá no expediente.”, coincidência, né? 79, isso aqui hoje, ontem, né. Eu digo, eu vou responder pra ela, não respondi, digo: “Aquilo lá era só uma fachada, o Versos foi apropriado pela Convergência pra ter uma fachada legal, eu não era representante de jornal nenhum, essas coisas não existiam, né? Mas a repressão, ela foi forte. Ela começou, no caso específico da Convergência, né, havia uma liderança, que era uma referência teórica, conceitual de um argentino, né, Nahuel Moreno. Moreno esteve no Brasil, foi preso. Depois disso, outros dirigentes da Convergência foram presos. A coisa de Brasília foi na sucessão, né, foram aqueles acasos, alguém, o apartamento de um colega meu de trabalho, onde eu deixava documentos pra não deixar lá em casa pra não dar bandeira, o apartamento dele é invadido por questão de drogas, acha os documentos, pressiona outra pessoa, entrego, nosso apartamento é invadido. E aí sim, tinham três pessoas, um dessas três, dois eu nunca conheci, né. Um deles foi fortemente torturado, que dizia que não me conhecia, e não me conhecia mesmo, mas como é que cê não conhece, cê tá na casa do sujeito? Quem eu conhecia, Alcides, Alcides tá no Mato Grosso, é militante da área ambiental, Alcides me contou depois que ele ficou apanhando dois, três dias, antes de ser entregue pra polícia. Então era, só quero voltar um pouco na (trecho incompreensível), tá? Havia uma avaliação de que a coisa estava avançando, mas o estertor da Ditadura ainda agia com mão pesada. Claro, você tinha uma repercussão social, a imprensa já não estava tão calada, as vozes outras se apresentavam, mas ainda tinha, né? No meu caso pessoal, pesadamente. De uma hora pra outra eu tive emprego público, entrei pela porta da frente, concursado, a empresa pagava bem meu salário, minha mulher tava grávida, não tínhamos nada, absolutamente nada, mas essas coisas não são pequenas na vida da gente.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** E, é, esse, agora aqui em Belo Horizonte, né, nesse trabalho que vocês tiveram de organização da categoria dos professores, enfim, o senhor relata que houve infiltração, né, houve um processo aí de a Ditadura, o Regime acompanhou muito de perto o movimento, né, com infiltrados...

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** No caso o senhor sofreu na pele.

**ANTÔNIO CARLOS:** Esse, um vizi...

**ANTÔNIO CARLOS:** Visível, né.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** É.

**ANTÔNIO CARLOS:** Mas deviam ter outros, claro, com certeza. Deviam não, tinham outros, com certeza.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** E teve muitas prisões, né, nesse processo de organização teve muitas prisões de liderança. Na avaliação do senhor, foi, existia uma consciência não tão ingênua de, que os, que ameaçava a Ditadura, que ameaçava o Regime em si? Eu tô fazendo, tô perguntando sobre a consciência dos trabalhadores mesmo, de se organizarem, de estar articulados com os sindicatos de várias categorias pra enfrentar esse regime, pra se contrapor a esse regime?

**ANTÔNIO CARLOS:** É, alguém já falou que as coisas sempre são desiguais e combinadas. É muito desigual, é muito desigual. Eu, sem uma meditação mais profunda, mas eu sempre tive pra mim que a greve de professores, trabalhadores da educação de 79, ela tinha uma dimensão muito mais sociológica do que política, tá. Quando você olha pro grupo de lideranças que se apresentou naquele momento, ele era muito, muito, muito diferenciado, né. Cê tinha meia dúzia de militantes de organização de esquerda, que éramos nós, nós éramos meia dúzia, né, o que viam eram professores de tradições muito, tem uma pessoa com quem eu tenho muito carinho, ele era vereador da Arena, partido da Ditadura, certo? Esse sujeito depois virou liderança do PT. O processo foi muito rico nessa dimensão, né. A questão especificamente das mulheres, merece um capítulo à parte. Tem muito estudo sobre greve, greve, acho que mereceria que a academia se debruçasse sobre as mulheres, porque romperam grillhões, entende? A relação, o que houve de casamento que foi pro espaço na greve, entende? Foi uma coisa muito forte, porque a greve permitiu isso tudo. Então eu sempre me incomodo quando se faz uma análise só num nicho da leitura, acho que a riqueza tá em outros, né. Ela permitiu que isso aflorasse, não é que ela aconteceu. Mesmo a noção de organização, nós não tínhamos, a nossa geração não tinha experiência disso, né. Não tinha, não tinha. O que tinha de organização de professores em Minas é uma coisa que tenta ficar viva até hoje aí, cartorialmente, que é a associação dos professores públicos, que na época a greve passou por cima assim, sem a menor cerimônia, e corretamente, né. O que deu uma coisa muito rica, né, do conceito de você sair da coisa de professor, né, que queiramos ou não tem um quê de elite, né, para dizer trabalhador da educação, isso é importante, né, não é apenas uma nomenclatura que se debate, né. Aí sim, usando a sua palavra, de uma



coisa, uma forma um tanto quanto ingênua, que o mundo é mais complicado que isso, mas assim, somos todos iguais, então a discussão era: porque não uma servente escolar dirigir uma escola? Por que não? Porque não mesmo, não tenho a menor dúvida sobre isso, que não pode, mas na época isso colocou, o fato de ter colocado isso em discussão é rico, até pra se chegar à conclusão que você tem capacidades, etc., etc., sem outro recorte, né. Volto à questão da mulher. O outro paradoxo: essas mesmas mulheres que encheram ruas, que enfrentaram policiais, não com a violência da coisa da construção civil, mas encararam, barra não pode passar daqui, pelotão de choque, escudo em punho, as mulheres iam pra cima, certo? Que enfrentaram seus maridos em casa, pra poder ir pra rua, dormir em vigília, sabe? Passava a noite, madrugada, fazendo vigília na igreja São José, quando a greve acaba, o poder da diretora que fala: “A minha escola, os meus alunos, os meus professores.” se manteve de pé. Entender isso tudo que eu acho que é desafiante hoje, né, da riqueza que o movimento proporcionou, né. Daí, tentando responder tua pergunta, eu penso que a questão da Ditadura não era o essencial ali, né. Para algumas fchas passou a ser. Nós outros, que tínhamos alguma, alguma não, uma boa presença no movimento, de uma certa maneira nós tentávamos contrabandear coisas, então nossas pautas de reivindicação eram enormes, né, cê tinha a questão salarial, a questão funcional, a saúde, mas tinha reforma agrária. Contra o fundo monetário, não pagamento da dívida, tudo, tava tudo na pauta. Que era uma maneira de você agendar os temas, né? Mas se bem apertadinho, quer dizer, mais na frente, a questão da condição do trabalho e da economia que determinava, o salário que era uma porcaria, né, continua até hoje.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** E a, primeiro, assim, quem era o governador na época...

**ANTÔNIO CARLOS:** Nós tivemos, na greve de 79, foi o Francelino Pereira. O secretário de educação era o, eu tô com a cara dele aqui na minha frente, na época que teve os episódios dos jatos d’água da Praça da Liberdade, né, aquilo lá foi um mero acaso.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** Virou folclore. Se você contar todo mundo que declara estar lá, todo o magistério tava lá. Eu estava só por acaso também, houve uma assembleia no dia que foi atropelada a Associação dos Professores, a APPMG, o governo do Estado, Francelino, né, tentando operar com alguma instituição de dentro, a Maria Telma Cançado, que era presidente, convocou uma assembleia de professores na antiga

Secretaria de Saúde, hoje o Minascentro, né, e bancou ônibus do Estado todo para lá. Então veio gente de todo lado. Encheu, né. Daí nós fomos pra lá. E a palavra de ordem era: CGG na mesa. Comando Geral de Greve, nome de entidade, né. A UTE foi fundada depois da greve de 79. Nós fomos pra mesa, a mesa foi destituída, fizemos alguns encaminhamentos, pronto, pronto, vida que segue, encerrado, vamo embora pra casa ou pro boteco. Só que o pessoal veio, né, do interior, não tinha o que fazer, vários ficaram lá. E os que ficaram lá resolveram que no dia seguinte, eles iam pra Praça da Liberdade, fazer não sei o quê também exatamente, mas marcaram e foram. Eu estava passando por lá, indo pra o antigo DCE da PUC, na Getúlio Vargas, que tinha uma das nossas sub-regionais funcionavam lá, e eu ia pra uma reunião, quando eu vi aquele povo lá, e polícia e não sei o quê. Porque que eu fui falar disso? Não me lembro maias, perdi o fio da meada.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Foi o jato de...

**ANTÔNIO CARLOS:** O jato d'água, é que ficou famoso. Esse é o governo Francelino, né, foi na época do Francelino. Francelino se queimou muito nessa, né. O jato d'água deveria apagar fogo, mas pegou muito mal pra ele, né. Mas o episódio foi muito circunscrito, quem era o secretário de educação, gente? Isso aí depois até foi secretário do Célio na Prefeitura, muitos anos depois. Na sequência do Francelino, vamos lá, vamos lá, vamos lá, foi o Tancredo. Não é isso? Redemocratização, primeiro pararara, foi o Tancredo. Depois do Tancredo, o Tancredo, foi o Hélio Garcia? Aí cê já me apertou... Mas depois do Francelino foi, teve... Agora vamos lá, os paradoxos dos movimentos: a musiquinha que se cantava muito na época: "o meu boi morreu, o que será de mim? Mande o Francelino Pereira", daí eles fazia: "ui, ui, lá pro Piauí", tá? Essa coisa de não gostar de nordestino, certo, tem dos dois lados. Mas a época de 79, 80, foi Francelino, com certeza.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** E eu tenho quase certeza que na sequência foi a campanha de 82, Elizeu Rezende e Tancredo que disputaram, e Tancredo virou governador.

**RONALD ROCHA:** Uhum. Ótimo. Não sei (trecho incompreensível) você lembra ou completamente ou em parte dos nomes que compuseram o Comando Geral de Greve? E depois a primeira diretoria do Sind-UTE?

**ANTÔNIO CARLOS:** Seguinte, eu vou dar algumas pistas, só isso, porque nome, Ronald, eu, quando eu era vereador de Belo Horizonte, eu tinha um tédio medonho, resolvi fazer mestrado, senão eu enlouquecia lá. Depois do mestrado eu comecei a

dar aula. Dei aula aqui na Fumec, inclusive na PUC, só para o curso de pós-graduação. Mas eu já chegava na sala o seguinte: não fala seu nome porque eu vou esquecer, depois você vai achar que eu sou mal educado. Pronto. Barreira brutal. Nós, eu acho que nós tivemos uma grande sacada na UTE, na criação da UTE, de tentar pensar mecanismos que dessem conta do tamanho da encrenca, né, e da sua diversidade, quer dizer, num estado desse tamanho, uma categoria desse tamanho, município pequeno, médio, grande, brarara. Então as nossas, a UTE criou instâncias que são, elas são meio superdimensionadas, tá? Uma delas, que até hoje funciona, né, que meio que é o termômetro, é o que a gente chamava “conselho geral”. Diferente da diretoria, que era chapa, “ganhou, levou”, o conselho cê não precisava ter vínculo, tá? Qualquer professor, qualquer trabalhador da educação podia se candidatar e ser membro do conselho. Isso dava uma oxigenação pra entidade que era brutal, né. Agora a chapa de direção acabava sendo grande, porque ela tinha que refletir um pouco o interior, então você tinha muitas vice-presidências regionais, eu não sei se o termo é esse, me perdoe, mas o caráter devia ser, né, gente, pessoas que respondiam... Então eram direções grandes, né? Como é que funcionou? No primeiro momento, no primeiro período o Luiz Dulci foi presidente, o Fernando Cabral era vice-presidente, ou coisa que o valha, daqui, e eu brincava que pra combater o stalinismo, porque eu vinha de uma organização trotskista, eu criei o cargo de secretário geral pra mandar, eu era, eu fui secretário geral o tempo prático todo que eu estive lá. Eu assumi presidência uma vez, contra vontade, inclusive, que o Fernando foi candidato ao governo lá, teve que afastar e eu assumi a presidência. Então tínhamos o Luiz Dulci, até quando ele virou deputado federal e afastou; Fernando Cabral; Carceroni, Luiz Fernando Carceroni, já se foi; tô pegando as pessoas aqui de Belo Horizonte, né. Helena Amorim porque tinha, nós, na época Belo Horizonte, ela fazia parte do sindicato, depois é que criou uma outra instituição, né, é outro sindicato hoje, mas Helena Amorim foi dirigente, Ângela foi dirigente, Ângela Ferreira, Petinha Soares era trabalhadora, assim, secretária executiva, um pouco nesse, não no sentido de funcionário, mas de dirigente. Eliane Guedes, nossa diretora pedagógica, parte que o sindicato nunca deu conta de fazer direito, né? Que virou mais um setor cultural do próprio sindicato do que um debate pedagógico de qual é a função da escola, papel, essas coisas todas. Já morreu também, Marcos Vinícius, de Contagem, foi assassinado um ano atrás, questão de terra na Bahia, Marquinho morava na Bahia. Deixa eu ver quem... Carceroni. A que falou que nós ficaríamos de greve de fome até

o atendimento das reivindicações do primeiro momento, Márcia Mara, que era uma das poucas professoras primárias que nós tínhamos na direção. Tinha uma outra professora primária, ficou lá um tempo também, Dona Maria de Lourdes Paraíso, episódio interessante na greve, o governo falou que a greve não tinha rosto, eis que a Dona Lourdes se apresenta e pergunta: “Como não tem rosto? Ó, eu aqui!”, foi legal, foi legal, ela foi dirigente também, ela era mais velha, né, nós éramos todos na faixa dos 30 anos, né, nesse período. Deixa eu ver quem mais. Eu não vou lembrar do interior, daí é muita gente, mas o pessoal de Belo Horizonte era esse aqui. Miriam, Miriam de Paiva Borges, Mirinha. Wagner Caetano foi dirigente, Wagner depois foi assessor da Dilma. Foi nosso tesoureiro, o Wagner. Quem mais?

**RONALD ROCHA:** Tinha um executivo...

**ANTÔNIO CARLOS:** Tinha uma executiva daqui, de Belo Horizonte sim, com certeza.

**RONALD ROCHA:** Quantos membros na executiva?

**ANTÔNIO CARLOS:** Devia ter uma dúzia, por aí.

**RONALD ROCHA:** Formada mais por dirigentes aqui de Belo Horizonte?

**ANTÔNIO CARLOS:** Daqui de Belo Horizonte, com certeza.

**RONALD ROCHA:** Moravam em Belo Horizonte?

**ANTÔNIO CARLOS:** Moravam em Belo Horizonte.

**RONALD ROCHA:** Ou na região metropolitana?

**ANTÔNIO CARLOS:** Isso. Marcos Vinícius era da região metropolitana. Teve gente que participou no comecinho, mas assim, depois que a gente institucionalizou, pulou fora. Júlio Pires e a ex-companheira, já morreu também, Ísis, participaram? Participaram. Na hora que institucionalizou, não era da rede, afasta a Ísis um pouquinho. Tinha uma companheira da Convergência, trabalhava comigo, Vera, que é da comunicação, professora da Comunicação da Federal hoje, (trecho incompreensível) Tinha uma do MEP, Sueli de Siqueira Campos, minha grande amiga, né. Ficou, ficou, ficou, mas era de outra área, etc. Então... Estiveram presentes na construção, mas a partir do momento que vai, vira coisa da categoria mesmo né, se afastam. Mas tinha uma executiva basicamente das pessoas que tocava a coisa aqui.

**RONALD ROCHA:** Durante os movimentos, tanto manifestações quanto greves, qual foi o comportamento da Polícia Militar?

**ANTÔNIO CARLOS:** Eles, polícia é difícil, porque eles muitas vezes erram na mão, né. Vamos lá. Cê fazia uma passeata, tô lembrando uma. Cê tinha um certo combinado, né. Nem sempre isso era tão explícito assim, né. Mas na hora que você,

que a polícia tem que agir pra que o combinado seja respeitado, né, ela não dava conta, daí uma opinião, acho que a polícia nunca foi preparada pra isso e continua, não sei, treinada pra isso, né, de fazer isso com energia e determinação que tem que ser feita, mas não avançar determinados sinais, né. Mas nós não tivemos, que eu me lembre, episódios, assim, gravíssimos na questão das greves com a polícia. Não tivemos, não tivemos. Nós atrapalhamos bem a vida dessa cidade, insisto, porque professor é diferente, né, tem um olhar social diferente, não tivemos.

**RONALD ROCHA:** E episódios como o jato d'água...

**ANTÔNIO CARLOS:** Isolados.

**RONALD ROCHA:** Foram isolados?

**ANTÔNIO CARLOS:** Tanto que ficaram na história. Porque o que houve, essas eram coisas que às vezes a gente confunde, a cabeça minha confunde, né, a gente, né, tinha ato pela anistia, tinha ato por aquilo, tinha ato por aquilo outro, então já teve problema, lembro de correr de bomba na Praça Sete, mas eu tenho quase certeza que não era por questão de movimento dos professores, entende?

**RONALD ROCHA:** E vigilância, observação e vigilância voltada a diretores da entidade, membros do comando de greve?

**ANTÔNIO CARLOS:** Tirando o episódio lá do comezinho, 79, 80, não tenho registro disso. Faziam, era público que faziam, né.

**RONALD ROCHA:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** As pessoas diziam: “Não, filmaram.”, “Ó, a polícia tá filmando a assembleia.”, é público.

**RONALD ROCHA:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** Não tinha nada pra ser escondido, cê tá fazendo numa praça pública, certo? Mas eles filmavam. Eu acho que era um desperdício medonho de energia, de recurso, uma bobagem.

**RONALD ROCHA:** Isso era recorrente, esse registro, essa filmagem?

**ANTÔNIO CARLOS:** Pelo que as pessoas, pelo... Sim, sim, sim, sim, sim. Sempre alguém comentava que alguém esquisito tava filmando.

**RONALD ROCHA:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** Eu sempre parti do pressuposto que, se é público...

**RONALD ROCHA:** Uhum. Quando houve o episódio, enfim, muita repercussão, episódio repressivo com muita repercussão foi o chamado “Massacre da Lapa”, em São Paulo, 76, finalzinho de 76, você estava no Rio ainda?

**ANTÔNIO CARLOS:** Estava no Rio.

**RONALD ROCHA:** No Rio. Teve alguma repercussão? Porque isso diz respeito também ao fato de que o aparelho repressivo tava, enfim, agindo, né.

**ANTÔNIO CARLOS:** Sim. Ronald, que eu lembro do massacre, sim. Eu lembro da época, sim. Agora, de impacto, o quê que poderia ter repercutido... Não me recordo.

**RONALD ROCHA:** Uhum.

**ANTÔNIO CARLOS:** Deve ter tido algum ato de protesto, que era época da organização dos movimentos de anistia, né, o movimento em si, o das mulheres, que eram separadas, né, movimento feminino, mas além disso não me recordo.

**RONALD ROCHA:** Uhum. Tem mais alguma coisa, Marçal, da sua parte?

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Acho que... Acho que é por aí. Não, não tenho, não tenho, acho que a minha parte aqui tá ok. Então a gente, antes de devolver a palavra pra suas considerações finais, agradecer a disposição, né, as informações, né, que você vem trazer e se dispõe a registrar, né, pra ficar pra, e que são valiosas, que são importantes, né, pra gente começar a pensar e compor um quadro daquela, da época, enfim, tentando trazer justamente esses detalhes que a história, historiografia oficial quase que não registra, né. Então é isso, agradecer em nome da subcomissão três, do grupo B, né, e passar, te passar, devolver a palavra pra você fazer suas considerações.

**ANTÔNIO CARLOS:** É rápido. Primeiro, eu tinha avisado antes, talvez num tom de brincadeira, de não esperar muita coisa, que a minha memória é ruim. E ela é, de fato, um. Esse foi o um. O dois: eu acho que eu sou excessivamente telegráfico, ao longo da minha vida eu já tive muito problema com isso, né, de pessoas com as quais eu trabalhava, eu digo: “e isso?”, “mas você não falou que era isso”, eu digo: “Falei.”, “Mas você não falou tudo.”, entende? Então acho que isso dificulta. O problema nesse episódio aqui é passar uma impressão, então eu só quero frisar isso agora no final, de que pro seu objetivo curto, não sei o quê, que eu achava que aquilo tudo era natural, e não era. E é inadmissível, entende? É inaceitável. Isso tem que ficar muito marcado. Eu nunca tive vocação de vítima, de discurso de vítima, de coitadinho, lembramos antes de começar aqui, era do jogo, eu tinha consciência dos riscos que eu corria. Agora, a consciência dos riscos não minimiza o absurdo que é você viver numa ditadura, certo? Então eu acho que isso tem que ficar muito fortemente marcado, né. E no mais, parabéns pra vocês, pela iniciativa e pelo trabalho. Obrigado.



**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Nós que agradecemos. São, neste momento são 10, 9, 10, é, 9:40, e 50, né?

**ANTÔNIO CARLOS:** Rigorosamente 60 minutos.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Isto. A gente encerra.

**RONALD ROCHA:** Então vamos encerrar.

**JOSÉ ANTÔNIO MARÇAL:** Isso.

**RONALD ROCHA:** Estamos agora liberados, né. Você pode fazer o favor de chamar o rapaz pra fazer o... Agora é a desmontagem.

**ANTÔNIO CARLOS:** Ah, sim.

**RONALD ROCHA:** Tá bom. Obrigado, viu, Carlão.

**ANTÔNIO CARLOS:** Você tentaram falar com Dulce?

**RONALD ROCHA:** Não, não. Na verdade, nós resolvemos convergir pra sua pessoa por causa de uma certa dificuldade, que o Dulce raramente vem aqui.

**ANTÔNIO CARLOS:** É, o Dulce é difícil.

**RONALD ROCHA:** E nós estamos, assim, com um tempo marcado, prazo para entregar esse relatório e tem que entregar até Junho, início de Junho. Então nós não temos condições de protelar, mas se eventualmente o Dulce aparecer por aqui, se dispuser, acho que seria muito bom. Você ficou no Rio quanto tempo?

**ANTÔNIO CARLOS:** Três anos e meio.

**RONALD ROCHA:** Três anos e meio. Eu vivi 22 anos da minha vida no Rio.

**INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO:** Prontinho?

**ANTÔNIO CARLOS:** Sotaque não nega.